



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

O fantasma de Ricardo Reis segundo Saramago

Barbara Jursic

Para citar este documento / To cite this document:

Barbara Jursic, "O fantasma de Ricardo Reis segundo Saramago", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 117-124.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

O fantasma de Ricardo Reis segundo Saramago

BARBARA JURŠIĆ

NO SEU ROMANCE *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, José Saramago faz o heterónimo desembarcar em pessoa (e sem Pessoa) na capital portuguesa para começar uma vida nova, ou seja, para passar a existir realmente, para ser. Para ter uma identidade própria, Ricardo Reis precisa de se libertar dos laços que o ligam ao seu «criador», ou seja, do «compromisso com a heteronímia pessoana», como afirma Teresa Cristina Cerdeira da Silva. Segundo a ensaísta, «Reis — agora vivo — ganha a trágica liberdade de poder transformar-se, de mudar o modelo que lhe coubera como máscara de Fernando Pessoa. Está, enfim, liberto do pai. Resta saber se preferirá assumir os riscos da liberdade ou ‘sabiamente’ limitar-se ao modelo instituído *a priori* e, embora consciente do jogo, optar por ser um exemplo de ‘mauvaise foi’»¹. Será que consegue realmente libertar-se do modelo que lhe coube e assumir uma nova identidade, deixando atrás de si o fantasma do velho Ricardo Reis?

A chegada do Brasil é de certo modo um nascimento, um passo para terra firme, como se o protagonista saísse do seu estado fantasmagórico de máscara e entrasse num corpo humano. Toda a sua vida, anterior à chegada a Lisboa, parece irreal, fantástica. Não era só ele, fantasma, quem, ao pisar a terra firme, ao entrar no labirinto de Lisboa, tentava encontrar a sua identidade e tornar-se uma pessoa verdadeira; todo o seu passado era também imaginário, a sua realidade anterior era irreal. Do próprio navio em que chegou, Saramago diz que é «navio duas vezes fantasma»³.

Não sabe para onde vai; diz ao motorista: «para um hotel» (p. 16). A confusão e a sensação de labirinto são aumentadas pela presença da chuva. Assim, Saramago cria uma atmosfera ainda mais sinistra e confusa; a chuva torna tudo difuso, vago, dificilmente perceptível, fazendo com que a cidade se assemelhe também ela a um fantasma. «Estas frontarias são a muralha que oculta a cidade, e o táxi segue ao longo delas, sem pressa, como se andasse à procura duma brecha, dum postigo, duma porta de traição, a entrada para o labirinto» (p. 17).

Ricardo Reis, vindo do mar, diz ao taxista: «Gostava era de um quarto de onde pudesse ver o rio» (p. 19) — o rio, que simboliza o tempo, a sua passagem, a ligação com o além. Acaba por ficar num hotel, que é também um «lugar neutro, sem compromisso, de trânsito e vida suspensa» (p. 21). Tenta agarrar-se à realidade, mas deixa sempre aberta a possibilidade de escapar rumo ao irreal, ao fantástico.

Na sua vida na «pátria», o protagonista precisa de aprender a ser humano, a ter emoções e reações humanas, começando por observar os gestos quotidianos dos outros. «Ao nível do social, tem que aprender o mundo. É como um estrangeiro ou como um exilado de volta à pátria, ou como uma máscara de Pessoa a querer ser pessoa»²: esforça-se por informar-se o mais possível sobre a situação atual, lê jornais, «vai aonde sempre terá de ir quem das coisas do mundo passado quiser saber» (p. 33).

Quando encontra a sepultura de Pessoa, lê em voz alta a inscrição «Estou aqui» (p. 38). No momento em que o pronuncia, Pessoa e Reis ainda são um só. Ora, é precisamente a partir deste instante, no cemitério dos Prazeres, que se inicia a sua viagem interior, em direção à autonomia.

Ao regressar do cemitério, sente «uma vaga dor de cabeça, talvez um vago na cabeça, como uma falta, um pedaço de cérebro a menos, a parte que me coube» (p. 39). Esta passagem é intrigante. Por um lado, quando estava ao pé do túmulo, Reis sentia-se inquieto; mas assim que se afasta começa a sentir um vazio, como se lhe faltasse algo, como se com a morte de Pessoa tivesse perdido alguma coisa. É interessante dizer que sente a falta de um «pedaço de cérebro» e não, por exemplo, de coração. O final da frase, «a parte que me coube», como se fosse Pessoa a falar.

Ricardo Reis tenta encontrar o caminho para se ver e ser visto como pessoa. «Descendo a rua [...], de repente se apercebe, ele, dos seus próprios passos» (p. 65). Aos poucos, o protagonista vai-se dando conta da sua própria pessoa, mas Saramago consegue sempre suscitar a dúvida no leitor mais atento. Quando, por exemplo, descreve a maneira dele se mover no meio da multidão, pelas ruas lisboetas, dir-se-ia tratar-se mais de um espírito, de um fantasma, do que de um homem: «vemos o chapéu cinzento de Ricardo Reis avançar tão facilmente por entre a mole humana, é como o cisne de Lohengrin em águas subitamente amansadas do mar Negro» (p. 66).

É o chapéu (o seu «cisne»?) que o leva pelas ruas diluvianas de Lisboa. O chapéu que caracterizava também Fernando Pessoa, que, aliás, já não o leva. Aqui persiste a dúvida: quem é ele? Pode já ser reconhecido/ível ou só o é através da imagem do seu criador?

Algumas páginas à frente, aparece o fantasma de Fernando Pessoa. Os dois reencontram-se e Pessoa anuncia que tem ainda mais ou menos oito meses de vagar na terra, nove no total, ou seja, o correspondente ao período

humano de gestação. É portanto este o tempo que Ricardo Reis terá para se desfazer do seu fantasma.

O que indica a natureza fantasmagórica de Ricardo Reis é a atitude face a Fernando Pessoa. A «visita» deste não o surpreende muito. Em conversa com ele, Reis aponta que voltou a Portugal só por causa da morte do primeiro. Reis sente-se intimamente ligado a Pessoa, e toda a história, a que podemos chamar o regresso à pátria, a viagem para Portugal ou a procura de uma individualidade, é provocada direta ou indiretamente por Fernando Pessoa. Por isso, Ricardo Reis, fantasma ou semifantasma, tem de se ver livre da sua sombra, da sua proteção, da soberania da figura seminal. Quando Pessoa lhe pergunta se ele continua monárquico e ele responde «continuo», o primeiro acrescenta «sem rei» (p. 78). Segue-se uma frase com duplo significado, ambígua. «Pode-se ser monárquico e não querer um rei» (*ibid.*). Neste caso o rei também pode ser o próprio Pessoa, por um lado admirado, por outro sentido como um peso, alguém que não o deixa respirar, um rei cuja autoridade reconhece, mas que já não deseja. Contudo, qual dos dois está vivo e quem está verdadeiramente morto? Como é que Ricardo Reis pode demonstrar que está vivo e como podemos nós crer que Fernando Pessoa está morto de verdade? Quem é um e quem é o outro? Todas estas questões estão contidas no diálogo que se segue e que culmina na interrogação: «e, além disso, se reflectirmos bem, quem é você?» (p. 79). Esta é de facto a pergunta que fazemos ao ler o livro. Pessoa parece estimular Reis para que este se interrogue sobre a sua identidade. Parece forçá-lo para que se sinta «outro». Além disso, nota-se o tom trocista, como se tivesse perguntado: você é alguém ou não é ninguém?

Pessoa aparece na noite da passagem de ano — outro pormenor simbólico —, como se anunciasse uma vida nova, um recomeço. Reis prossegue a sua tentativa de penetrar no quotidiano, quer reencontrar-se, mas com um rosto próprio, único, com outra substância, que ele deseja diferente, nova. Ao reconhecer-se através dessa nova substância, está a conhecer o seu próprio eu. É neste contexto que a personagem de Lídia, uma simples criada de hotel e sua amante, ganha relevo, pois representa a realidade, o dia a dia, o elo que prende Reis ao mundo real. Habitando-se a Lídia, habitua-se à realidade que ela personifica, sendo um observador minucioso, «um espectador do espectáculo do mundo» (p. 86).

Reis tenta levar uma vida normal e quotidiana, em tudo igual às pessoas comuns; arranja, como vimos, uma amante; mais à frente procura casa e emprego. No entanto, o processo de aprendizagem do seu ser real nem sempre é fácil. Na realidade amorosa Reis encontra alguns embaraços. A sua busca interior apresenta-lhe mais dificuldades, porque é mais subtil e difícil de aprender. A exterior, mais factual, mais lógica, tem mais pontos de referência, como, por exemplo, a famosa estátua de Camões. Junto a Lídia aparece Marcenda —

estranho nome, no gerúndio, comenta o próprio narrador, como se fosse algo incompleto, inacabado. Marcenda desvia os pensamentos de Ricardo Reis do que é real e, por assim dizer, palpável, tornando a sua busca ainda mais difícil. Idealizada pelo protagonista, ela é uma musa deficiente que, pela sua própria imperfeição, se eleva a um estatuto irreal e etéreo.

Fernando Pessoa considera Reis um produto de si próprio. Do cinismo inicial passa à indelicadeza, que é ao mesmo tempo uma forma de estimular o outro para a ação. Troça dele para o levar a empreender um processo de procura da identidade que tenha resultados concretos. «O seu caso, Reis amigo, não tem remédio, você, simplesmente, finge-se, é fingimento de si mesmo, e isso já nada tem que ver com o homem e com o poeta. [...] primeiro que tudo, você não sabe quem seja» (p. 115).

Mesmo que incerto e (ainda) sem saber quem é, Ricardo Reis tem esperança de sair vencedor dessa busca. Acaba por confidenciar os seus receios mais íntimos a Marcenda, que lhe parece vinda de outro mundo e, por isso, a única digna de confiança. Esta proximidade talvez se deva ao facto de ela, tal como ele, provir de outra dimensão, de um mundo irreal ou de outro continente.

Se Ricardo Reis não conseguir descobrir a sua identidade em Portugal, encontrará a morte, em vez de se encontrar a si mesmo. Se a sua busca, interior e exterior, der resultado, terá vida na sua pátria. A sua falha, contudo, se assim lhe podemos chamar, é a incapacidade de agir. Como diz de si mesmo, prefere assistir (ao espetáculo do mundo), mas logo Pessoa o adverte: «só estando morto assistimos, e nem disso sequer podemos estar certos, morto sou eu e vagueio por aí» (p. 143). Para se lançar na vida como personagem real e autónoma, Reis tem de ter coragem. Na sua vida anterior tudo era seguro, mas agora não há certezas. Ricardo Reis é fraco e pouco decidido. Consciente disso, encara essa fraqueza, a impossibilidade de se realizar, de ser o que quer, como uma realidade universal, própria da condição humana. Afirma ele: «O pior mal é não poder o homem estar no horizonte que vê, embora, se lá estivesse, desejasse estar no horizonte que é» (p. 150).

Segue-se o capítulo do Carnaval, simbólico e fantasmagórico. Na despedida que o antecede, depois do quarto encontro entre Reis e Pessoa, este anuncia ao amigo que não aparecerá no baile de Carnaval. Mas logo a seguir comenta que poderia mascarar-se de morte. Ainda que seja só uma fantasia, Reis sente-se arrepiado e ao mesmo tempo atraído. A morte, o fantasma da morte, o mascarado, a visão da morte, tudo é ambíguo. O narrador recusa-se a fornecer-nos uma explicação, a insinuar uma resposta. Se a morte significa, por um lado, a impossibilidade de voltar, de (se) transformar, por outro, também pode ser produtiva. No caso de Ricardo Reis, ela deu-lhe a possibilidade de existir; a segunda morte de Pessoa (a primeira física e a segunda pelo disfarce) transformou-o na própria morte. Nesta transformação, neste jogo de

máscaras, a dúvida e o fingimento são duplos. E o Carnaval é propício a isso. Fernando Pessoa fingiu duplamente, morreu duas vezes, transformando-se na própria morte, pois foi na morte que percebeu que já não tinha poder sobre a vida, que já não era possível mudar nada. E Ricardo Reis, que tirou proveito da morte de Fernando Pessoa, existe graças a ela. Ficarão tão seduzido por ela que se esquecerá da vida, ou encontrará o caminho para uma vida nova, para uma existência própria?

Reis vai atrás não só da morte, mas também de um dos múltiplos de Fernando Pessoa, daquele que tem em si mesmo. Trata-se de um jogo de identidades, entre a vida e a morte, num espaço intermédio. Pessoa morto vestido de morte — então duplamente morte, pois finge ser a morte — restauraria o espaço de verdade e de vida, qual lei matemática, em que duas realidades negativas, quando somadas, resultam numa de valor positivo.

Tem agora nove meses para nascer, como um bebé no ventre da mãe. Nove meses para crescer como ser autónomo, para se tornar ele próprio, outro em relação a Fernando Pessoa. Neste estado transitório, a casa e o emprego servem-lhe como elementos de apoio — o nexos, o laço com a sua condição humana.

A sua experiência individual começa a deixar marcas nas pessoas e no mundo: um endereço no hotel, uma visita e um nome no fichário da P.V.D.E., e, agora, uma casa que buscou, alugou e começou a possuir.⁴

Definitivamente, o protagonista começa uma nova vida, principalmente a seguir à mudança de casa. O hotel era uma espécie de limbo. Os seus empregados pareciam, de certo modo, fantasmas.

E é já instalado nessa nova casa [...], como se a casa fosse o seio materno que seria o palco de sua encarnação, que Ricardo Reis recebe nova visita de Fernando Pessoa, num misto de temor e insegurança que o facto de estar só e de decidir sozinho poderia acarretar.⁵

Ricardo Reis revela-se frágil na nova condição de pessoa independente, e sente a solidão que o une com um laço muito forte a Fernando Pessoa. Este, por sua vez, sente uma solidão imensa na morte. Contudo, há uma diferença crucial entre os dois. A solidão de Reis é passível de mudança, ele poderá transformar a sua vida, se quiser, mas Pessoa já nada pode fazer. No entanto, para Ricardo Reis a tarefa não é fácil. «Estar vivo é a sua conquista pessoal, sempre ameaçada de ser tragada pela acomodação de ser feito, pela dependência que lhe permite não decidir, escolher, agir.»⁶ A vida escapa-se-lhe pelos dedos por causa da dependência que mantém com Pessoa. Este age como uma espécie

de íman, exerce sobre Reis uma atração fatal, mas a pergunta que fazemos é se Ricardo Reis é realmente seduzido por Pessoa ou pela morte. Vimos já que no baile de Carnaval ele corria atrás da morte, mesmo sem saber se se tratava de Pessoa mascarado, preferindo até não o saber.

Na sua solidão, Ricardo Reis procura refúgio na poesia e cita várias vezes versos de Pessoa (ou dos seus heterónimos), como este, exemplar da sua relação com o mundo: «Entre o que vivo e a vida, entre quem estou e sou, durmo numa descida, descida em que não vou» (p. 179). Embora citados como pertencentes a outra pessoa (Pessoa), são sentidos como seus. Também a sua busca interior passa pela poesia. Nas suas odes, fala das musas, Neera, Lídia e Cloe, que «não são mulheres verdadeiras, mas abstracções líricas»; são de certo modo fantasmas, «pretextos, inventado interlocutor» (p. 289), de certa maneira parecidas também com Fernando Pessoa. Um dos versos que se repetem como um refrão e que Reis lê a Pessoa na visita que se segue adverte para a fragilidade da existência humana: «Nós não vemos as parcas acabarem-nos, por isso as esqueçamos como se não houvessem» (p. 323). O que lhe destinou cada uma das três Moiras? Ricardo Reis é palavra, uma palavra que tem mais corpo nas suas Odes que na vida real; a sua palavra vive com mais intensidade, tem mais vida que ele mesmo. Poderíamos dizer que ele é a palavra de Pessoa feita corpo.

Perseguido pelo fantasma de Pessoa — «sombra, espírito, fantasma, mas que fala, ouve, compreende, apenas deixou de saber ler» (p. 317) —, Reis sente que ele se impregnou na sua vida, melhor dizendo, na sua existência, começando então a sua decadência. Uma decadência física que anuncia também a psíquica, a desistência de se autonomizar, de existir sem laços com (o criador) Fernando Pessoa. A somar a isto, o carácter temporário do emprego de Reis — «a partir do dia um de Junho estará desempregado» (p. 318) — é outro indício do destino narrativo da personagem, que assim se vai desprendendo das obrigações quotidianas que preenchem a vida.

Depois de abandonar o trabalho, a vida de Ricardo Reis toma um rumo diferente. O protagonista já não é a mesma pessoa, abandona-se, parecendo-se cada vez mais com um fantasma, até fisicamente. O companheiro de Lídia é prisioneiro de um sonho que não o deixa viver e o leva a rasurar-se. Parece realmente que está a existir cada vez menos. Pessoa afirma que passaram já sete meses, «quanto basta para começar uma vida» (p. 351), fazendo alusão também à vida e à existência de Ricardo Reis, depois do seu desembarque em Lisboa. E acrescenta: «Em suma, você anda a flutuar no meio do Atlântico, nem lá, nem cá» (p. 353). O uso do verbo «flutuar» é significativo, lembrando não uma pessoa, mas um fantasma. Flutuar, pairar, boiar — poderíamos enumerar outros sinónimos. Aqueles que flutuam, pairam, boiam não têm forças para atuar, para mudar as coisas, para decidir; vão com a corrente, deixam-se ir, o destino não depende de si próprios, mas das «águas» que os levam.

Ao afirmar «Tive apenas a experiência de quem assiste e vê passar» (*ibid.*), Ricardo Reis é o exemplo perfeito desta existência pouco concreta, como se a vida se projetasse numa tela diante dos seus olhos, mas num outro mundo a que não teria acesso, qual observador mudo, não só da vida em geral, mas também da sua. Reis parece não ter vontade de conseguir mais nada. «Não tenho trabalho nem me apetece procurá-lo, a minha vida passa-se entre a casa, o restaurante e um banco de jardim, é como se não tivesse mais nada que fazer que esperar a morte» (p. 354).

Ricardo Reis perde a vontade de viver e a sua existência transforma-se em mera rotina. Torna-se cada vez mais fantasma, regredindo no caminho de humanização que vinha sendo feito. Porque é que não insistiu no caminho para a liberdade, aquele que o levaria à sua independência como pessoa humana, autónoma, e se resignou a ser uma parte de Fernando Pessoa, seu criador, mas também seu verdugo? Num tom disfórico, Ricardo Reis responde perguntando a si próprio e a Pessoa: «Haverá alguma coisa que só a mim pertença, Provavelmente, nada» (*ibid.*). O protagonista desiste, porque tudo se lhe afigura alheio, tudo se lhe afigura já feito, não consegue criar nada para lá do que Fernando Pessoa já conhece. Nada é só seu, nem mesmo a sua poesia.

Como Fernando Pessoa não aparece, o protagonista dirige-se ao cemitério dos Prazeres. «Sabe que Fernando Pessoa está a seu lado, desta vez invisível» (p. 375). Sente a presença do outro, um fantasma invisível ao lado de um fantasma ainda visível. E só se ouve a voz de Pessoa, que pergunta a Ricardo Reis o que está a fazer por ali. «E Ricardo respondeu sem responder» (*ibid.*). A conversa passa a decorrer interiormente; Ricardo Reis ouve a voz de Fernando Pessoa num encontro fora da existência humana, fora do mundo visível. A busca de Reis aproxima-se do fim. Procurou a vida e encontrou a morte. Tudo se torna cada vez mais irreal, mais misterioso. As vozes já não são humanas, mas do além. Mesmo a sua poesia, considera-a agora inútil, como se morresse juntamente com ele, como se agonizasse.

O protagonista destrói os seus versos, nem uma palavra se salva. A degradação da sua poesia indica a sua própria degradação, mostra com uma mão invisível o seu fim, que está próximo. Porque é que a poesia não consegue salvá-lo? Porque é que já não é capaz de escrever versos, de sentir? «Hoje escreveria outros versos se fosse capaz de escrever, saudoso estava, fique saudoso no tempo em que saudade sentia» (p. 392), já «não sente nenhuma saudades, apenas um sono infinito» (*ibid.*). O sono infinito, outro símbolo da passagem para a morte, para o além, para a infinidade que é estática e que, por isso, também significa a impossibilidade de mudança, a petrificação. Ricardo Reis «seguiu o caminho das estátuas» (p. 400), da perda da vida, porque a vida é uma opção difícil.

A opção pela vida pressupõe uma trajectória difícil, porque exigente e solitária. É como estar só no labirinto, lutando para encontrar uma saída, enquanto a atracção da morte poria fim à busca desesperada e, embora fosse essa revelação factícia, conceder-lhe-ia ilusoriamente a chave da porta.⁷

No final, mais do que desistir da sua identidade, Reis desiste da vida, pois a morte parece-lhe a opção mais fácil. Ao regressar ao cemitério dos Prazeres, o protagonista escolhe a morte. Escolhe não ser pessoa; escolhe a heteronímia, aceitando Fernando Pessoa como «pai» e como seu criador, de uma forma quase religiosa.

Reis é, desde o princípio, o fantasma de Pessoa, tal como este o era de si mesmo nos nove meses em que apareceu várias vezes ao seu heterónimo.

Sobre o livro com o enigmático título *The God of The Labyrinth*, Reis diz a Pessoa: «Apesar do tempo que tive, não cheguei a acabar de lê-lo» (p. 406). Entrou no labirinto quando partiu do Brasil e sobretudo quando pisou o solo português. É esta a simbologia do livro que levou sempre consigo. Entrou no labirinto que é Lisboa, que por sua vez representa a busca interior. O livro significa a procura que não acabou e nunca chegará a acabar, porque desistiu dela. Pessoa sabe que não há solução e anuncia o fim do amigo, tanto como pessoa como poeta e homem de letras. «Não irá ter tempo, Terei o tempo todo, Engana-se, a leitura é a primeira virtude que se perde, lembra-se.»⁴⁴ Pessoa diz-lhe que as suas horas estão contadas na terra; o que se confirma quando Ricardo Reis abre o livro e, ao tentar ler, vê «uns sinais incompreensíveis, uns riscos pretos, uma página suja» (p. 407), o que só pode significar que já é um fantasma, que está (quase) morto. Depois, saem de casa, olham «as luzes pálidas do rio, a sombra ameaçadora dos montes»; tudo parece sinistro, tudo lembra o lado escuro, a vinda da morte. «Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis» (*ibid.*), e foram, para sempre.

NOTAS

¹ Teresa Cristina Cerdeira da Silva, *José Saramago — Entre a História e a Ficção: Uma Saga de Portugueses*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989, p. 168.

² Idem, *ibid.*

³ José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 11.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1995, p. 12. Todas as indicações de página no corpo do texto se referem a esta edição.

⁴ Teresa Cristina Cerdeira da Silva, *ob. cit.*, p. 177.

⁵ *Ibid.*, p. 178.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, p. 182.